



SILVERCLOAK

SEGREDOS DE SANGUE E PRATA

L.K. STEVEN
LAURA STEVEN
OTHER
SIDE





AVISOS DE CONTEÚDO

Álcool

Conteúdo sexual explícito

Dependência de drogas

Luto e morte

Mutilação

Sangue

Tortura

Trauma

Vício no jogo

Violência gráfica

*Dedicado à Chloe Seager;
que pegou em todos os meus devaneios
e os tornou realidade.*



Categorias de Magia



Comuns

Encantador
Destilador

Incomuns

Lançador
Curandeiro

Raras

Incitador
Vidente

Extintas

Urdidor do Tempo



PRÓLOGO

Vinte anos antes

A porta da rua dos Killorans mudava de cor consoante a pessoa que batia. Azul-celeste na presença de um conhecido estimado, vermelho-vivo caso se tratasse de um amante presente, passado ou futuro. Verde-trevo era a reação diante de um inimigo figadal; violeta-escuro em face de um velho amigo. O tom amarelo-mostarda estava reservado à família e, devido a uma ligeira imprecisão do feitiço, a caixeiros-viajantes.

No dia em que os Bloodmoons fizeram uma visita, a porta ficou preta como o fundo de um poço.

Mellora tinha acabado de regressar a casa depois de um longo turno no Santo Isidoro, o hospital para doenças mágicas que ficava ali perto, quando deu de caras com o marido, Joran, e a filha, Saffron, em alegres risadas. De forma lenta e metódica, Joran estava entretido a transformar tudo o que tinham em casa em salsichas, incluindo as torneiras do lava-loiça, todos os talheres do faqueiro bom, várias plantas espalhadas pela casa, a cauda furiosa do gato e o seu próprio nariz adunco.

— Muito boas tardes — disse ele, de forma solene, enquanto Mellora despia o seu manto violeta de Curandeira. O seu tom era um pouco nasalado, tendo em conta a salsicha que lhe servia agora de nariz. Joran bateu nele uma vez com a varinha de cedro, restaurando o seu belo formato aquilino.

Saffron estava ao seu lado, abraçada à perna do pai, a chorar de tanto rir. Os seus caracóis loiro-prateados caíam-lhe sobre o rosto.

— Papá, para! Já nem consigo respirar.

O peito de Mellora encheu-se de ternura.

Oh, como ela os amava.

Coberta de flores silvestres, a casa da família Killoran era um edifício redondo e desconjuntado, que Joran tinha encantado com a filha em mente: estantes de livros que nunca ficavam sem novas histórias, pequenas estrelas presas em lanternas para formar constelações minúsculas, uma chaleira que assobiava a Canção da Serpente assim que o chá começava a ferver, e tapetes que levantavam voo ao acaso e levavam Saff a passear pela sua pequena aldeia, enquanto esta dava gritinhos de alegria. Mas o preferido de todos era a escada em espiral que se transformava num escorrega sempre que Saffron se aproximava do topo: uma peça notável de transmutação condicional que encheria de inveja a maioria dos magos comuns.

Mellora era muito mais solene do que o marido — sempre fora inflexivelmente séria, mesmo em criança —, mas isso só a fazia apreciar ainda mais a fantasia de Joran. Não conseguia pensar num melhor pai para a sua única filha.

Dirigiu-se ao armário de hidromel e serviu-se de uma taça bem cheia. Quando o néctar doce e picante lhe chegou à língua, sentiu o seu poço de magia — esgotado após um longo dia de cura — começar a encher-se.

O poder era uma coisa finita, facilmente esgotável, e só podia ser reabastecido através de doses copiosas de *prazer*. Havia sempre velas perfumadas de cravinho acesas em sua casa. Uma suave música de violino ecoava nas vigas do teto, e as paredes eram adornadas com obras de arte gloriosas. Uma abundância para os sentidos, concebida para restaurar.

Claro que a outra coisa que reabastecia o poder era a *dor*.

Se o prazer aumentava a *quantidade* de magia à disposição de um mago, a dor melhorava a *qualidade*. Um mecanismo de sobrevivência antigo, que tornava as guerras mágicas tão brutais quanto imprevisíveis.

Mas aos Killorans não interessava a dor. Muito menos depois de tudo aquilo por que Joran tinha passado.

— Estás a desperdiçar o teu talento com estas brincadeiras aqui em casa — disse-lhe Mellora, enquanto ele encantava uma faca para cortar legumes em pedaços perfeitos. — Devias estar no Conselho do Rei, a proteger o reino. Ou a dar aulas numa universidade. Ou até mesmo a fazer trabalho de investigação no âmbito das curas mágicas. Sei que a Academia de Doenças e Maleitas Antigas está à procura de...

— Talvez a alegria seja suficiente — respondeu ele apenas, afastando-lhe um caracol de cabelo do rosto e beijando-a nos lábios. O seu próprio cabelo loiro e comprido estava atado atrás com um fio de cabedal gasto,

e Mellora teve o súbito desejo de passar os dedos por ele, em busca de *outro* tipo de prazer.

Foi então que bateram à porta.

Os dois viraram-se ao mesmo tempo.

Ao ver a madeira escura como breu, Mellora empalideceu, pousando a taça de hidromel com uma mão trémula.

— Saff, tens de te esconder.

Cada palavra era um fragmento de osso afiado contra a sua garganta.

— Mas, mamã... — protestou Saffron, com os grandes olhos castanhos a alternarem entre os pais e a porta. Tinha apenas 6 anos e estava triste como um cervo. — Quem é? Nunca tinha visto a porta preta.

— Por favor — insistiu Joran, num tom rouco, enquanto pousava a faca meio encantada, que escorregou, confusa, na tábua de cozinha. — Por favor, Saffy.

Não sabiam quem estava do outro lado da porta, mas *sabiam*.

Nova pancada, mais insistente, com indícios de uma graça final.

Joran tirou um envelope do bolso do seu manto e enfiou-o na gaveta de cima do armário mais próximo, passando um dedo trémulo sobre o nome escrito em letra cursiva no pergaminho. Mellora observou-o, com o medo a roer-lhe a barriga. O seu marido estava tão assustado que tinha escrito uma carta de despedida, e era raro Joran manifestar medo.

— Saffron, nós amamos-te — sussurrou Mellora, beijando a filha na bochecha. Ela sabia a manteiga cremosa e a compota de morango. — Vemo-nos em breve.

Joran levou a filha para o canto da divisão. A despensa tinha sido encantada para esconder qualquer membro da família que lá entrasse, tornando-o invisível e inaudível para qualquer um que não fosse um Killoran.

Por uma vez, Mellora ficou grata por o seu marido genial ter *desperdiçado* tempo a encantar a casa. Poderia ser isso que salvaria a vida da filha deles.

Quando a despensa se fechou, a porta da rua abriu-se, pendurada nas dobradiças, solta e assustada. Pouco a pouco, a cor — a magia — foi-se esvaindo da madeira, até que esta voltou a ser um simples pedaço de teca castanha. Alguns centímetros abaixo da aldraba prateada do *fallowwolf*, a marca de um feitiço de abertura desvanecia-se lentamente.

Duas figuras corpulentas atravessaram a soleira da porta, desenhadas numa cunha de luz que começava a esmorecer. Os seus mantos eram de

um escarlate profundo, presos ao pescoço com alfinetes redondos de rubi, as fases da Lua bordadas nas lapelas em fio preto e dourado.

Tudo o resto era negro: as botas até ao joelho com fivelas douradas, as túnicas bem cingidas com atilhos, as calças largas, a expressão de morte no olhar.

O estômago de Mellora apertou-se como um punho.

Bloodmoons.

Deu alguns passos protetores e colocou-se na frente do marido.

— Podemos ajudar-vos? — perguntou Joran, a voz esfarrapada e irregular.

— Precisamos de um necromante — disse o mais baixo dos dois homens. Tinha o sobrolho franzido e pesado e uma voz rouca. Contorcia-se com uma energia carregada. Qualquer que fosse a ordem que tivessem recebido, a pressa era essencial. E não havia nada mais perigoso do que o desespero quando se tratava dos Bloodmoons.

Joran endireitou os ombros.

— Não vão encontrar nenhum aqui.

— Não? — O mago mais alto estreitou os olhos cinzentos, com uma espécie de fome voraz que lhe escancarou os lábios.

Os dois olharam diretamente para Mellora.

Todo o seu corpo se petrificou de medo. Pensou em lançar um encantamento *praegelos* desesperado, para ganhar algum espaço precioso para pensar, mas de que adiantaria isso quando o demónio já estava em cima deles? A única coisa que poderia salvá-los agora era o feitiço de teletransporte, algo que tinha sido banido há muito tempo.

Joran olhou para ela, confuso.

— Mellora? — Os seus nós dos dedos estavam brancos enquanto agarra a varinha. — A minha mulher é uma Curandeira. Isso pode ser facilmente provado. — Ergueu a varinha até à palma da mão e fez um movimento de corte. — *Sen incisuren.*

Um golpe rasgou-lhe a pele — *demasiado profundo*, preocupou-se Mellora, *ele abriu um corte demasiado profundo* — e fez aparecer o sangue vermelho-escuro. Ele nem sequer estremeceu.

Mellora ergueu a sua elegante varinha de salgueiro e murmurou, como já havia feito milhares de vezes:

— *Ans mederan.*

Cura.

Apesar de o seu poço de magia ter sido escassamente reabastecido por alguns goles de hidromel, a ferida fechou-se de forma pouco elegante. Haveria de deixar uma cicatriz, se eles vivessem até lá.

Os Bloodmoons olharam com desdém para a mão de Joran.

— Ou sabes tão bem como nós que a necromancia é uma subclasse da cura — disse a víbora mais alta —, ou és tão idiota quanto pareces.

A face pálida de Joran enrubesceu de raiva, e Mellora desejou silenciosamente que ele não atirasse o isco aos lobos, mas não conseguiu convencer a boca a formar palavras, a pedir-lhe que mantivesse a calma.

Como de costume, ele não atendeu ao seu apelo silencioso. Limitou-se a erguer a varinha.

Mas o Bloodmoon foi mais rápido.

— *Sen ammorten.*

O feitiço mortal atingiu Joran com força no peito, e ele caiu no chão como um saco de bezoares.

Mellora soltou um grito estrangulado, sentindo o peso dos olhares expectantes dos intrusos sobre si. Eles sabiam o que ela faria de seguida, e ela também.

Porque não podia deixar Joran, o seu *Joran*, morrer a seus pés.

Depois de décadas a gerir casas de jogo encantadas, os Bloodmoons eram peritos em obrigar os jogadores a revelar a sua mão.

O fio que ligava a mente de Mellora ao seu corpo partiu-se.

Ela moveu-se sem pensar, ajoelhando-se e rasgando o tecido da túnica de Joran. Havia uma cicatriz em forma de estrela sobre o seu coração, onde o feitiço havia sido lançado, e quando Mellora colocou a palma da mão sobre ela, sentiu-a gelada ao toque, como prata líquida. A morte mágica tinha um cheiro característico, não a sangue e podridão, mas a fumo, cinzas e algo doce como mel.

Manteve uma palma apoiada no peito imóvel de Joran e levantou a varinha com a outra.

— *Ans visseran* — incitou, o ódio de si mesma a arder-lhe no corpo.

— *Ans visseran. Ans visseran.*

Ressuscita. Ressuscita. Ressuscita.

Uma sensação de total perversidade agarrou-a com dedos nodosos.

A necromancia não era apenas ilegal, era um sacrilégio. Era contranatura, contrária a todos os deuses e santos sobre os quais Ascenfall fora construída. Havia algo de fulcral no espírito humano que se perdia com a morte,

e não podia voltar a cruzar o véu entre *lá* e *cá*, por mais habilidoso que fosse o mago.

Mas aquele era Joran. Ela tinha de tentar.

— *Ans visseran. Ans visseran. Ans visseran.*

Não aconteceu nada de imediato, mas a verdade é que estas coisas levam tempo. Tempo para persuadir o coração a voltar a bater, tempo para convencer o sangue a fluir. Uma lei incontornável da física: quer seja mágico ou não, um objeto em movimento quer permanecer em movimento, e um objeto em repouso quer permanecer em repouso.

Estou certa de que o coração do Joran não quer ficar em repouso, pensou Mellora, numa súplica. *Estou certa de que ele bate contra a sua própria quietude. De que pode sentir-me do outro lado.*

Os Bloodmoons observavam à medida que ela entoava o feitiço repetidas vezes, mas não havia sinais de vida debaixo da sua mão. Desesperada, mordeu a língua com força até sentir o gosto de sangue, deixando a dor latejar e tomar-lhe conta da boca.

Se o prazer servia para *restaurar* a magia, a dor funcionava como a adrenalina para a *aumentar*. Uma explosão curta e intensa de energia, que concedia um poder extraordinário nas situações mais terríveis.

E os santos sabiam que Mellora precisava daquilo.

— *Ans visseran. Ans visseran.*

O coração de Joran continuava uma pedra.

Mas tinha de resultar. Aquele era Joran. O pai de Saffron.

Saffron.

Mellora rezou a Omedari, o santo padroeiro da cura, para que a sua filha não tivesse testemunhado o assassinio do pai. Ela ainda estava escondida na despensa, mas se tivesse espreitado pelo buraco da fechadura...

Numa perigosa perda de concentração, Mellora olhou para lá, mesmo a tempo de ver a maçaneta dourada começar a rodar.

Não, gritou todo o seu corpo, mas o puxador continuava a girar.

Se os Bloodmoons vissem Saff, matá-la-iam também.

Mellora rodou sobre os calcanhares, erguendo a varinha. Nunca tinha lançado um feitiço de morte, mas era capaz de tudo para salvar Saff.

— *Sen ammort...*

A maldição foi quebrada pelos dois feitiços assassinos que lhe atingiram o coração.

A maçaneta dourada parou de rodar.

A divisão ficou imóvel.

Durante alguns instantes, o silêncio estendeu-se como o cair da noite. Sem dizer nada, os intrusos queimaram quartos crescentes nas faces sem vida das suas vítimas, a pele borbulhando num tom de carmesim grotesco sob as pontas das varinhas.

Se uma morte não servia ao seu propósito original, ao menos podia espalhar o medo.

Quando os Bloodmoons partiram, deixaram a porta pendurada nas dobradiças como um dente podre.

E quando Saffron Killoran finalmente abriu a porta da despensa — podia ter sido momentos depois, horas ou dias —, a sala de estar cheirava a carne carbonizada. A fumo, cinzas e algo doce como mel.

Abriu a boca para gritar, mas não saiu nenhum som.

Debruçados sobre o corpo da mãe estavam dois magos com longos mantos prateados, presos ao pescoço com alfinetes de safira. Um deles desenhou um círculo de giz à volta do pai com a mão, enquanto o outro examinava a porta destruída. As suas varinhas estavam a rabiscar em cadernos suspensos no ar, e eles falavam em voz baixa.

Ao ver Saffron, uma detetive levantou os olhos. Era pálida, de nariz estreito, magra como um palito, e, por um breve instante, uma dor pura e sem filtros tomou conta do seu rosto.

— Oh, docinho — murmurou para Saffron, escondendo os cadáveres da sua vista. — Anda cá. Agora, estás a salvo.



PRIMEIRA PARTE

CADETE





A COORTE

O manto de Saffron ficaria prateado ao pôr do sol... se ela não fosse apanhada a mentir primeiro.

Apenas um quarto de hora a separava da avaliação final.

Vinte anos de sofrimento e determinação destilados numa única sequência.

Compôs as feições numa expressão neutra e pousou uma carta de *polderdash* vencedora. A sacerdotisa na face piscou o olho, divertida.

O seu adversário, Gaian, gemeu como um porco em fim de vida.

— Um ano inteiro a levar uma sova e, mesmo assim, mordo o isco. — Deslizou um *ascen* perolado sobre a bancada, e Saffron meteu-o ao bolso com um sorriso. — Já deves ter mais dinheiro do que o tesouro da cidade.

Não estava muito longe da verdade. Saffron tinha passado a maior parte da sua vida adulta a jogar de forma bastante proveitosa contra os seus pares e compatriotas. Todos os outros eram umas nódoas a jogar às cartas.

Enquanto baralhava as cartas casualmente, Saffron olhou à volta do laboratório de destilação. A luz do sol alaranjada entrava pelas janelas gradeadas, transformando os grãos de poeira em pirilampos. As paredes altas estavam repletas de prateleiras que continham frascos de vidro com ingredientes comuns para tinturas: ervas e especiarias, cinzas e terra, garras de *fallowwolf* e bicos de *mourncrow*, carne, sangue e osso. Seis longas bancadas de madeira estavam alinhadas, paralelamente, no meio do laboratório, todas encimadas com caldeirões de estanho e uma série de instrumentos dourados. Ao longo das bancadas, dois velvinos espreitavam e ronronavam. Gatos esguios com olhos violáceos e pelo preto, cujo hálito

acetinado e frio provocava ondulações de prazer na pele nua. Patrulhavam a Academia Silvercloak dia e noite, reabastecendo os poços mágicos dos magos exauridos.

Os seis cadetes tinham-se juntado no laboratório antes da avaliação final, para que Auria e Sebran — os únicos Destiladores entre eles — pudessem rolar as suas tinturas. Embora a coorte tivesse passado 12 meses a competir entre si por uma posição cimeira no ranking, por estranho que pareça tinham-se tornado muito unidos, e, ainda que nenhum deles o admitisse, todos queriam aproveitar ao máximo aqueles últimos momentos juntos. Antes de serem enviados para os cantos mais longínquos do continente com as suas primeiras missões, antes de deixarem de viver uns com os outros. Partindo do princípio, claro, de que todos passariam na avaliação.

A tensão pairava na sala.

Os cadetes estavam à beira de um fim e de um começo, e todos sentiam o fio da navalha sob os pés.

— É agora, malta. — Auria sorriu, cintilante e fervorosa; o seu ânimo sempiterno nunca vacilava. — Vamos todos passar a ter mantos prateados a partir de hoje. Tenho a certeza.

Um velvino roçou no seu braço, com um ronronar de prazer a sair-lhe da garganta, enquanto ela colocava três últimos frascos no seu cinto de tintura.

Nissa estava pendurada na janela em arco, a fumar um *achullah* enrolado à mão. Cheirava a laranja, a cravinho e a um tipo de tabaco terroso cultivado na parte mais quente do deserto de Diqar.

— Alguma vez acreditaste que as coisas não iriam resultar? — atirou, expelindo um anel de fumo. O cabelo preto caía-lhe até à cintura num lençol lustroso e brilhante. — Apesar de tudo indicar o contrário?

Auria esboçou outro sorriso sincero.

— Não, nem por isso.

Os lábios de Nissa curvaram-se.

— Sabes, em Nyrøth, o otimismo cego é visto como sinal de pouca inteligência.

— Ainda bem que não vivemos em Nyrøth — respondeu Auria alegremente.

Na verdade, Saffron achava toda aquela boa-disposição de Auria reconfortante, mas não o disse. Apesar de ter superado o período de seis anos de silêncio quando tinha 12 anos, ainda preferia ficar calada.

Do outro lado da sala, Nissa chamou a atenção de Saffron com um sorriso reservado, que ela sentiu como se estivesse a agarrar um punhado de *gallowsweed*, como se tudo dentro dela se empolasse ao mesmo tempo. Saff e Nissa tinham-se envolvido numa relação clandestina nos últimos meses. Começara com uma simples cambalhota para aliviar o stress, e lentamente florescera em algo mais rico, mais suave. Uma carícia no rosto, uma flor deixada numa almofada, «vi isto e pensei em ti».

Mas, há umas semanas, Nissa tinha acabado tudo. Dissera que precisavam de se concentrar no futuro e na hipótese muito real de serem colocadas a centenas de quilómetros de distância. Ela acreditava que os melhores Silvercloaks eliminavam por completo todo e qualquer sentimentalismo. Mas, para Saffron, a razão para estar na Academia era puramente emocional.

Desviou o olhar de Nissa, recolheu as cartas do baralho e guardou-as no manto branco.

Tiernan — um Curandeiro alto e inseguro, que só estava na Academia para agradar ao pai — parou o seu andar frenético para dirigir um olhar fulminante a Nissa. (Bem, o mais fulminante que lhe foi possível, já que preferia morrer a insultar alguém.)

— Pois eu aprecio o espírito positivo da Auria. — Tiernan corou, passando uma mão pelos caracóis castanho-claros. Ele e Auria estavam apaixonados, e, ainda assim, ambos acreditavam que os seus sentimentos não eram correspondidos. — O amor dela pelo jogo faz com que seja mais fácil conciliar o facto de sermos ao mesmo tempo colegas de equipa e rivais.

Ele tinha razão. A avaliação final não incidia apenas sobre os cadetes Silvercloak enquanto indivíduos, mas também sobre a forma como trabalhavam juntos como unidade de campo.

A Academia estava reservada aos melhores dos melhores, e havia apenas seis magos no grupo de Saffron. Ela própria, teimosa, silenciosamente astuta, indomitamente resoluto, ainda mais indomitamente gulosa e assustadoramente boa nos jogos de apostas. Uma Encantadora, aos olhos da Academia, se não mesmo na realidade.

Tiernan, tímido e desajeitado, cujo pai pertencia ao Conselho do Rei. Um Curandeiro talentoso, embora sempre agitado.

Auria, uma marrona de olhos brilhantes, cumpridora das regras, com grandes ambições de um dia se tornar uma Grande Árbitra. Invulgarmente dotada em três categorias de magia — Encantadora, Destiladora



e Curandeira —, o seu trabalho era preciso, mesmo que não particularmente imaginativo, e ela tinha um conhecimento enciclopédico de *Poções e Tinturas Modernas: Volume IV*.

Nissa, imbuída da força elemental de uma Lançadora. Era uma brasa que fumava como uma chaminé, mas apenas para poder usar o fogo em qualquer altura, não por ser viciada em *achullah*. O seu domínio implacável do fumo e das chamas era admirado por todos na Ordem, até pela capitã Aspar.

Sebran e Gaian, cada um enquadrado numa única categoria — Destilador e Encantador, respetivamente —, compensavam a modéstia dos seus dotes mágicos com uma bravura inabalável no caso de Sebran e uma argúcia quase assustadora no caso de Gaian. Este último tinha uma aptidão incrível para detetar mentiras; os seus interrogatórios resultavam sempre em confissões, mesmo sem recurso ao elixir da verdade. E, ainda assim, não conseguia vencer Saff às cartas.

— Vocês são meus rivais, tão simples quanto isso — declarou Sebran, fechando uma tintura em tons de roxo-escuro que cheirava a anis. Era largo e corpulento, com a pele castanha e o cabelo cortado rente. Nunca falava da sua família, da sua terra. Ninguém sabia ao certo de onde tinha vindo, a não ser do colégio militar. — Hei de conseguir o posto de Pons Aelii, nem que isso me mate.

— Nem pensar — retorquiu Gaian, friamente, atando o seu longo cabelo loiro. — Esse posto é meu.

Nissa passou a língua bífida pelo lábio inferior.

— Ou podiam entregá-lo a quem nasceu *efetivamente* em Eqora.

As missões de graduado tinham sido afixadas no quadro de avisos na semana anterior, e só havia cinco vagas para seis cadetes.

Três eram vagas corriqueiras de detetive ali mesmo, em Atherin.

Havia depois uma vaga num posto fronteiriço em Carduban, que guardava as Montanhas da Promessa, ricas em ascenite, dos olhos cobiçosos dos vizinhos de Eqora. (Nenhum deles queria esse posto, já que há décadas que os habitantes de Eqora não faziam avanços significativos em direção às minas, pelo que a missão envolveria sobretudo trabalho de mediação de disputas entre cabras-montesas.)

A última vaga consistia numa operação secreta de recolha de informações em Pons Aelii, a capital de Eqora. Há dias que Nissa, Sebran e Gaian se digladiavam por aquele posto. O trabalho *infiltrado* acarretava certo nível

de prestígio; se eles se saíssem bem numa primeira missão tão importante, provavelmente teriam um futuro risonho na Ordem dos Silvercloaks. (Além disso, havia algo de muito sexy na missão.)

Mas Saff não estava interessada em Pons Aelii. Se queria destruir os Bloodmoons que lhe tinham roubado a infância, tinha de estar na cidade onde eles tinham as suas raízes: Atherin.

— Estás bem, Saff? — perguntou Auria. — Estás calada. Mais do que o normal.

Saff olhou através da ampla janela dupla. A Academia de pedra clara estava empoleirada numa colina nos arredores de Atherin, e a linha do horizonte da capital esbatia-se com o calor, misturando as cúpulas de safira roxa dos templos augurest, os imponentes obeliscos rubros e dourados em honra dos santos padroeiros, os panteões de mármore esculpido com torres de safira, os azulejos esmeralda reluzentes e as paredes pálidas e queimadas pelo sol das casas da cidade. Uma cidade buliçosa em tons de pedraria, construída em igual medida sobre o prazer e a violência.

Lunes, a pitoresca aldeia do Norte onde crescera, nunca parecera tão longínqua. O seu coração palpitava ao recordar a imensidão de flores silvestres e os pátios empedrados, os mantos em farrapos e os rostos acolhedores, os aromas de alecrim e hidromel.

— Sim — respondeu, com vagar. — Estou só a preparar-me mentalmente.

Como se ela não tivesse passado duas décadas a fazer exatamente isso. Como se não tivesse passado duas décadas a planear e a calcular, a maturar e a traçar o caminho, a ultrapassar todos os obstáculos que lhe eram lançados pela natureza ou pelas circunstâncias, a aguardar o momento certo sempre com o grande *porquê* na cabeça.

— É isso que me está a deixar doido. — Os dentes de Tiernan cravaram-se no seu lábio inferior. — Não nos podemos *preparar* quando não fazemos ideia do que é que a avaliação implica.

— Como na vida real. — Sebran tinha a aspereza de um soldado; havia pouca emoção por detrás dos seus olhos cor de avelã. — Não vais receber um comunicado detalhado antes de cada situação de perigo, pois não?

— Desde que consiga uma missão depois disto tudo... — Tiernan mexeu nervosamente nos cordões da sua túnica. — O meu pai corta-me a cabeça se eu voltar para casa sem um posto. Até Carduban seria preferível.

— Vou dizer à Aspar que te ofereces como voluntário — sorriu Nissa, apagando o *achullah* no parapeito da janela de pedra.

No fundo, Saff partilhava dos sentimentos de Tiernan. Embora não quisesse ser uma agente de controlo fronteiriço, preferia isso a perder um posto.

Depois de tudo o que tinha feito para chegar até ali, não podia falhar agora.

Doze anos de escola de magia. Quatro anos na Universidade do Norte de Novarin, para ter o seu Pergaminho de Cavaleira em História Moderna. Cinco anos a patrulhar Atherin como vigilante, algo que todos os candidatos a Silvercloak tinham de fazer: acorrendo a locais de crime sangrentos, juntando ladrões, bandidos e assassinos irascíveis e levando-os arrastados para Duncarzus, acumulando ferimentos, traumas e sabedoria a duras penas, ciente de que qualquer réstia de inocência que tivesse sobrevivido ao massacre dos seus pais estava a ser lentamente corroída, acordando para o facto de que o mal estava por toda a parte, tão comum que chegava a ser banal. Uma tomada de consciência impossível de desaprender.

E depois havia o simples facto de toda esta experiência ter sido construída sobre uma base de mentiras e ilusões.

Ela só tinha de manter a falácia por mais um dia.

Mais uma hora.



Os seis cadetes estavam do lado de fora do Grande Átrio, os olhos postos nas palavras que levitavam sobre a soleira.

«Acesso exclusivo a candidatos, avaliação em curso.»

Sob o letreiro estava um professor pálido, de cabelos negros, que os tinha treinado incansavelmente na arte do combate, deixando-lhes a pele ferida e os músculos doridos. Quando protestavam que não teriam de usar a força física com uma varinha nas mãos, o professor Vertillon retorquia que, a menos que as suas varinhas estivessem cirurgicamente acopladas às palmas das mãos, tinham de estar preparados para as perder. Um feitiço de desarmamento poderia ser lançado a qualquer momento contra eles, ou, no calor da batalha, podiam simplesmente deixá-la cair por nervosismo e inépcia.

O professor Vertillon fez um aceno conciso a Sebran — tinha-o treinado no colégio militar antes de aceitar o lugar de professor na Academia — e depois comprimiu os lábios numa linha fina para cumprimentar os outros.

— É chegada a altura da avaliação final — decretou, num tom barítono grave. — Embora possamos preparar-nos para esse acontecimento até à exaustão, temos de ter em conta o elemento imprevisível do acaso. Uma

varinha partida durante uma rusga, um cinto de tinturas estilhaçado no chão, lesões comprometedoras e informações contraditórias.

Em seguida, mostrou seis envelopes de cor creme.

— Como tal, todos terão sortes distintas à entrada para este exercício. Três de vós não terão nenhuma desvantagem. Um de vós perderá a varinha. Um de vós terá um membro temporariamente paralisado. E um de vós terá acesso a informações diferentes das dos colegas. As cartas serão sorteadas por ordem alfabética de apelido.

Vertillon formou um leque com os envelopes nas suas mãos desgastadas, depois ofereceu a Sebran a primeira escolha. Este tirou um envelope, abriu-o e acenou com a cabeça. Tiernan tirou o seguinte, depois Saffron.

«Não tens desvantagem.»

Isso não era propriamente verdade — tinha de lidar com a sua magia temperamental —, mas não deixava de ser um alívio.

Quando Auria e Nissa tiraram os dois últimos envelopes, Saff olhou para Tiernan, cujo pé tremia de forma descontrolada. O tom verde-marinho que lhe coloria o rosto tinha-se tornado mais vivo. Era evidente que ele tinha recebido uma desvantagem.

E estava apavorado com a possibilidade de desiludir o seu pai cruel.

Saffron nunca se esqueceria da primeira semana de ambos a vigiar as ruas. Um bando de ladrões inclementes, designado Whitewings, tinha cortado as línguas de várias crianças que haviam assistido por acaso a um assalto e depois tinha queimado essas mesmas línguas com fogo mágico, para que não pudessem ser cosidas novamente. Saff, Tiernan e Auria foram os primeiros a chegar ao local, e Tiernan passou os primeiros 20 minutos a vomitar para uma sarjeta.

Quando Kesven Flane soube da fraqueza do filho, acorrentou Tiernan a uma cadeira e, todas as noites durante um mês, obrigou-o a assistir a encenações muito reais de tortura, animadas com o tipo de magia ilusória que Saff usava para esconder o seu segredo. Em seguida, levou para casa um Ludder embriagado — um indivíduo nascido sem magia — e cortou-lhe a língua, para obrigar o filho a praticar a arte da cura. Vezes sem conta, até o Ludder desmaiar com a dor e Tiernan perder parte da sua humanidade.

E agora, durante a avaliação final, a última demonstração de força antes da atribuição de tarefas, Kesven voltaria a ver o filho a titubear. Uma vergonha para o bom nome da família, apesar de ter sido fruto do acaso, sem culpa própria. Kesven não veria as coisas dessa maneira.

— Troca comigo — sussurrou Saff, entre dentes.

Tiernan contorceu-se na direção dela.

— O quê?

— Troca de envelope comigo.

Após uma fração de segundo de indecisão — enquanto tentou perceber se Saff estaria a enganá-lo —, Tiernan colocou o seu envelope na mão dela. Ela fez o mesmo. O professor Vertillon não deu por nada.

Saffron leu a sua nova sorte.

«A tua perna ficará paralisada durante o período de avaliação.»

— Não tenho nenhuma desvantagem — anunciou Auria.

— Eu também não — disse Tiernan, lançando a Saffron um olhar de gratidão.

— Nem eu — confirmou Gaian.

— Sem varinha — murmurou Sebran. Esfregou a cara, como se estivesse a ver se tinha feito bem a barba. — Mas posso ficar com isto, certo? — Levou a mão ao cinto de tintura, e Vertillon acenou com a cabeça, num gesto de confirmação.

— Parece-me um bocado má onda dar informações falsas à estrangeira — murmurou Nissa.

— Não são falsas — realçou Saff. — O professor falou em informações *diferentes*.

— Além disso, foi sorteado ao acaso, Nissa — disse Auria, irritada. Levava sempre a peito qualquer crítica à Academia, embora não tivesse laços familiares com ela, apenas uma reverência fundamental pelas regras e pela instituição. Era mais do que evidente que estava ali uma futura Grande Árbitra.

— Quais são as informações? — quis saber Gaian.

— Não sei. Presumo que só ficarei a saber durante o exercício — aventou Nissa.

Vertillon acenou novamente com a cabeça.

— De facto. O Sebran... ou melhor, o cadete Aduran, ficará sem a sua varinha quando passar pela soleira do Grande Átrio. Nessa altura, a perna da cadete Killoran ficará paralisada. — Com isto, deu um passo para o lado. — Podem entrar.

— É agora — sussurrou Auria, levando a mão ao cinto de tintura pela milésima vez, os olhos brilhantes de expectativa. Acreditava piamente que tudo ia correr bem. Saff invejava-lhe aquela confiança fácil. O mundo ainda não a tinha vergado.

Saffron verificou o seu próprio cinto. Não era uma Destiladora, por isso não estava apetrechado com frascos, mas sim com uma série de armas e equipamentos que todos usavam na vigilância de rua: cordas, algemas, um torniquete e um bastão. A matéria não podia ser criada a partir do nada, por mais forte que fosse o mago, pelo que algumas coisas tinham de ser analógicas. Levava também uma *blisblade* com runas gravadas embainhada num coldre de couro: adagas exclusivas dos Silvercloaks, encantadas para que até mesmo um ferimento superficial autoinfligido pudesse causar uma enorme ondulação de dor-prazer em todo o corpo. Uma forma rápida de reabastecer o poço mágico em caso de emergência.

Não que isso alguma vez tenha surtido efeito com Saffron. À semelhança do hálito de velvino.

Ela tinha de procurar o prazer à moda antiga.

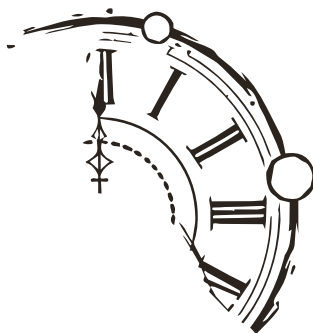
Do outro lado das enormes portas duplas, um ruído abafado de conversa tornava-se mais audível. Quem estaria a julgar a partir da galeria elevada no lado sul do átrio? A capitã Aspar, claro, assim como os restantes oficiais superiores, mas Auria adivinhou também a presença de altas figuras do Conselho do Rei, que ali se teriam deslocado para escolher os candidatos mais brilhantes para a corte da Casa Arollan.

Não que Saffron aceitasse qualquer outra oferta.

Ela estava destinada a ser uma Silvercloak.

Esse destino era o seu deus, a sua fé, a sua igreja. Esse destino era a única razão pela qual ainda estava de pé. Tinha sido escrito no momento decisivo da sua vida; ela acreditava nisso com toda a força do seu ser.

Saffron abriu as portas duplas e ficou boquiaberta com o que viu do outro lado.





A AVALIAÇÃO FINAL

No interior do cavernoso Grande Átrio encontrava-se a reconstrução de um templo augurest, talhado em pedra clara e rodeado por todos os lados de árvores de folhas vermelhas.

Os templos augurest tinham a forma de um olho aberto: duas paredes exteriores curvas que se tornavam pontiagudas no ponto em que se encontravam, com um teto abobadado em tons de roxo. No interior, havia um corredor em forma de espiral sinuosa, como uma íris, que conduzia à câmara central de culto: a pupila. Foram concebidos para honrar o poder profético dos Cinco Águres, mas eram famosos por ser uma armadilha propícia a criar reféns. Quando os intrusos entravam no corredor em espiral, os fiéis na câmara central ficavam encurralados.

De facto, todo o cenário parecia uma recriação de uma situação de reféns. Dois homens corpulentos flanqueavam a entrada em arco, ostentando longos mantos escarlates com as fases da Lua bordadas em preto e dourado. Ao pescoço, traziam os inconfundíveis alfinetes de rubi.

Bloodmoons.

Saffron arrepiou-se de cima a baixo quando os viu. Apesar de saber que aqueles homens eram Silvercloaks disfarçados, apesar de saber que nada daquilo era real, o seu corpo reagiu à ameaça como um *fallowwolf* de pelo eriçado.

De repente, voltou a ter 6 anos e a ser a mesma menina que assistiu ao assassinio dos pais através de um estreito buraco de fechadura dourado. A carne carbonizada, o cheiro a cinza e a mel. O som do corpo do pai a cair no chão. A onda de horror a tomar conta do seu peito.

Em vez de a afastar, concentrou-se na dor da memória. Podia reprimi-la, ou *tirar partido dela*, e a verdade é que tinha sido esta segunda opção a fazê-la chegar até ali.

Os cadetes cruzaram a soleira do Grande Átrio como uma unidade, e a varinha de pinho de Sebran voou para a mão estendida de Vertillon. Nissa levou a palma da mão ao ouvido, para receber as informações alternativas.

Claro que a perna de Saffron não paralisou, mas ela estava habituada a fingir.

Alterou a sua forma de andar, arrastando o pé esquerdo atrás de si como um cadáver.

— Bem-vindos, candidatos — gritou a capitã Aspar, a comandante, embora não a vissem em lado nenhum. A acústica da sala tinha sido encantada para amplificar as vozes no seu interior, e as suas palavras ribombavam, ligeiramente distorcidas. — Existem 12 reféns na câmara de culto. O templo foi tomado por um número desconhecido de Bloodmoons. Cabe-vos resgatar os reféns com o mínimo de baixas possível. Como sempre, nada de feitiços de morte. Usem *effigias* para transformar os vossos inimigos em estátuas, para representar a morte, mas só quando for estritamente necessário. A melhor coorte da história da Academia resgatou os 12 reféns e capturou todos os Bloodmoons com vida. É essa a vossa bitola. Boa sorte.

Os seis cadetes olharam uns para os outros.

— Capturar os Bloodmoons vivos? — murmurou Nissa, tirando a mão do ouvido. — Porque haveria isso de ser uma prioridade?

— Recolha de informações — respondeu Gaian. — É para isso que estamos aqui.

— E para que reféns inocentes não sejam assassinados em retaliação. — A voz de Auria soou cavernosa, um eco. As vozes dos cadetes também eram amplificadas pela acústica encantada da sala. Ela ajeitou uma mecha de cabelo ruivo frisado atrás da orelha pálida. — À primeira vista, diria que se trata de uma reconstrução do templo do águere Amuilly, no distrito dos boticários. Foi construído há cerca de 700 anos, o que significa que as suas paredes têm cerca de um metro de espessura e que não terá um túnel de fuga, como alguns dos templos mais recentes. Consegues escavar um, Nissa?

— Não sou a porra de uma *toupeira* — gritou esta.

Auria franziu o sobrolho.

— Pois não, mas os Lançadores podem manipular a terra. Não sei porque tens de ser assim...

— Não sei se essa é a melhor solução. — Tiernan, o pacificador, coçou a cabeça, enquanto olhava para a cúpula roxa brilhante. — O meu pai sempre me ensinou a importância das relações com a comunidade. E se danificarmos o templo sem querer? E se escavarmos com demasiada força ou profundidade e destruirmos os alicerces? Se o edifício desabar, não só matamos os reféns, como também denegrimos a reputação dos Silvercloaks junto da comunidade augurest.

Nissa revirou os olhos.

— Que se foda a comunidade.

Gaian esboçou um sorriso escarninho.

— Sabes, nunca se percebe muito bem aquilo pelo qual argumentas a favor ou contra.

— Talvez eu só goste de discutir. — Nissa levou os dedos aos lábios, como se estivesse a fumar um *achullah* invisível.

Saffron engoliu em seco e desviou o olhar, tentando desesperadamente não se lembrar da sensação dos seus corpos nus entrelaçados, os contornos macios de Saff a pressionar as superfícies duras de Nissa, a cera da vela a pingar sobre as suas coxas desnudas... aquela linha difusa entre a dor e o prazer, na qual florescia a magia mais requintada.

— Que informações recebeste? — perguntou Auria a Nissa, que fez uma pausa.

— Não sei se devo partilhar.

Auria cerrou o punho com força em volta da sua varinha fina. Ela e Nissa desentendiam-se com tanta frequência que Gaian já tinha começado a fazer um registo.

— Vamos pensar em como tomaríamos este edifício de uma perspetiva militar — declarou Sebran, que tinha servido na infantaria de Vallin antes de entrar para a Academia Silvercloak. — Há dois Bloodmoons a vigiar a entrada e, provavelmente, pelo menos dois na câmara central a guardar os reféns e quatro ou cinco espalhados pelo corredor em espiral para nos bloquear o caminho. — Tamborilou com o dedo indicador no lábio inferior. — O vento da Nissa pode ser uma arma letal quando combinado com *effigias*. Apanhávamos todos os Bloodmoons no túnel de uma só vez.

— A ideia não é matá-los — lembrou Auria, com um ar de mãe que tenta não perder a paciência com um filho indisciplinado. — Temos de pensar como feiticeiros, não como soldados. Que feitiços poderíamos usar para extrair os reféns sem nunca nos cruzarmos com os Bloodmoons?

— O que vais fazer, atirar os teus frasquinhos pelo corredor em espiral para eles darem uns golos? — Nissa riu-se, de forma cruel.

Ela tinha razão. Não havia janelas na câmara central, que estava isolada do mundo exterior. Como podiam eles lançar feitiços com qualquer tipo de precisão se não conseguiam ver os alvos? A magia exigia muito mais rigor.

— Podíamos tomar elixires de invisibilidade — sugeriu Auria. — Assim podíamos entrar à socapa e desarmar os Bloodmoons.

— Usa a cabeça — respondeu Sebran, irritado. — Os guardas veriam as portas a abrir. E mesmo que não fôssemos mortos de imediato, a probabilidade de dispararmos maldições sem querer uns contra os outros...

Enquanto a coorte discutia, a mente de Saffron girava como uma roleta.

Era algo que fazia sempre, pensava enquanto os outros falavam, pesava cada palavra ou ação cuidadosamente antes de se comprometer. Porque os santos sabiam o que acontecia quando *não* se pensava bem nas coisas; quando se rodava ligeiramente uma maçaneta e os pais eram chacinados num piscar de olhos.

Em todo o caso, estavam todos a pensar de forma errada. Superficial, unidimensional. Colocando demasiada ênfase na solução sem dar ao problema a devida atenção.

Estavam a esquecer-se de uma pergunta muito simples: *Porquê?*

Saff interrompeu a diatribe de Sebran sobre o número aceitável de baixas civis ser maior do que zero e disse:

— Ouçam, porque é que os Bloodmoons tomariam de assalto um templo augurest? Não temos de perceber primeiro os seus motivos?

— Não somos diplomatas, porra! — exclamou Nissa, com os olhos dourados cravados em Saff, um olhar que transportava um calor quase físico. Corria o rumor de que a avó de Nissa era um dragão, mas ela não conseguia perceber a logística.

— Auria, sabes se há algo de valor no templo do áugure Amuilly? — perguntou Saff. — Algo que *justificasse* o envio de tantos Bloodmoons?

Auria cerrou os lábios.

— Algumas câmaras de culto mais antigas contêm varinhas da era dos Cinco Áugures. Não são as varinhas dos próprios áugures, mas de outros Videntes desse período. Os seguidores acreditam que essas relíquias ainda contêm poder antigo e que, nas mãos certas, podem ser usadas para lançar novas profecias.

Saff acenou violentamente com a cabeça.

— Nesse caso, o melhor é concentrarmo-nos em extrair a relíquia, não os reféns, e assim afastar os Bloodmoons dos inocentes, que nem sequer lhes interessam.

— Gosto dessa ideia. — Os olhos azuis de Auria afilaram-se. — Mas o mais certo é as relíquias estarem em cofres subterrâneos. Se estivessem à vista de todos, talvez pudéssemos extraí-las através da levitação, mas...

— Isso é ridículo. — Sebran abanou a cabeça, com repulsa. — Estão a interpretar mal a missão intencionalmente. Cumprir ordens é fundamental numa instituição hierárquica. A capitã disse-nos para extrairmos os reféns, não uma relíquia que pode ser completamente irrelevante, e que pode nem sequer *existir*. — Projetou a voz com maior intencionalidade do que o habitual, como se quisesse que os superiores ouvissem.

— Queres um copo de água, Sebran? — perguntou Saff, muito séria.

Sebran franziu o sobrolho.

— Porquê?

— Deves estar com sede depois de tanto lamberes botas.

— *Sen effigias* — ouviu-se subitamente ao lado de Saff. E depois outra vez: — *Sen effigias*.

Numa explosão de impaciência, Nissa tinha atingido os dois guardas que flanqueavam a entrada.

Ficaram imóveis como estátuas, com os corpos transformados em pedra cinzenta.

No contexto do exercício, estavam mortos.

— Vamos? — perguntou Nissa docemente, dirigindo-se para a entrada, e uma onda de raiva deixou Saff momentaneamente sem fôlego.

— Qual é a tua? — sibilou Auria.

Nissa rodou sobre o calcanhar, expondo a coluna vertical de runas tatuada na lateral do pescoço.

— Só há uma entrada para o templo, e eles estavam a guardá-la. Isto teria de ser feito mais cedo ou mais tarde.

— Não, a capitã disse que era possível completar a tarefa com todos os Bloodmoons e reféns vivos. — As faces de Auria estavam rosadas de raiva. — Sei de inúmeros encantamentos que poderíamos ter usado para passar por eles. *Exarman*, para os desarmar. *Vertigloran*, para os deixar tontos e desorientados. Não precisavas de estragar a avaliação antes mesmo de nós...

— Vou criar um túnel de vento — interrompeu Nissa. — Quem vem comigo?

Sebran bateu-lhe continência, trocista, e seguiu-a, sem varinha. Gaian hesitou por instantes, a pele pálida ainda mais branca do que o habitual, e depois acompanhou Sebran em direção à entrada.

Auria suspirou, os ombros caídos.

— Então, agora as nossas escolhas são: separar o grupo e receber uma nota baixa pelo trabalho de equipa, ou dar continuidade a esta loucura imprudente.

Saff cerrou o maxilar.

— A Nissa foi a única que se marimbou para o trabalho de equipa. Vamos fazer isto à nossa maneira e provar que estamos empenhados em fazer isto bem.

Auria concordou com um aceno de cabeça, enquanto Tiernan alternava um olhar ansioso entre Nissa, o templo e a galeria onde o seu pai estava sentado.

— Desculpem — disse, esfregando a nuca. — Não vejo solução melhor. E, logo a seguir, foi atrás de Nissa, Sebran e Gaian.

— És melhor do que isso, Tiernan — murmurou Auria, já sem alguma da sua vivacidade.

Nissa abriu as portas do templo, e uma voz ecoou lá de dentro:

— *Sen effigias.*

Ela esquivou-se da maldição a tempo, mas Tiernan foi atingido em cheio na testa.

Cada centímetro do seu corpo ficou transformado em pedra cinzenta, e uma refrega rebentou entre Nissa, Gaian, Sebran e quem quer que estivesse do outro lado das portas.

— É bem feito que isto lhe tenha corrido da pior maneira — bufou Saff. Mas, na verdade, estava chateada por ele ter desperdiçado o envelope trocado. — Enquanto eles estão distraídos, vamos dar uma volta pelo perímetro. Deve ter-nos escapado alguma coisa. Uma entrada nas traseiras, uma janela aberta, uma árvore que possamos escalar para ter um ponto de vista melhor.

Auria assentiu, lançando mais um olhar de desdém na direção dos outros. Sebran estava deitado no chão atrás da estátua de Tiernan, com os frascos do seu cinto de tintura espalhados e esmagados nas lajes à sua volta. Nissa e Gaian tinham desaparecido.

Enquanto caminhavam, Saff lembrou-se de arrastar a perna atrás de si como se fosse um pedaço de carne inútil. Era desconfortável — a coxa

esquerda estava a fazer um esforço adicional de compensação, e ela já sentia uma moinha a latejar nessa zona —, mas, como o professor Vertillon dizia sempre, o mundo real podia ser assim. Ela podia ter de lutar pela vida com uma lesão complicada.

Sabia melhor do que ninguém que a vida raramente era justa.

A Academia não se tinha poupado a esforços para que todo aquele cenário parecesse real. À volta do perímetro do templo, vendedores ambulantes anunciavam produtos que evocavam o prazer: croissants folhados com recheio de alperce e torrões de amêndoa, café com espuma de caramelo e chocolate quente com especiarias. Dois cavalos mastigavam um fardo de feno, e um grupo de magos idosos estava sentado numa mesa de piquenique desdobrável a jogar *polderdash*, jogo de cartas em que os naipes dos santos e dos sacerdotes mudavam de cor e de lealdade a meio da partida. Um alaudista jovem e bonito, de cabelo muito ruivo, tocava o Lamento da Rainha dos Ossos, com os olhos fechados num pesar fingido, os dedos a roçar as cordas. A música era doce e triste, pura e limpa como o dobre de um sino, e à medida que o lamento aumentava de intensidade, o poço de prazer de Saffron parecia um pouco mais cheio.

No entanto, apesar de todos os detalhes minuciosos do cenário, nem ela nem Auria viram um caminho alternativo para entrar no templo.

— É uma pena que o *portari* já não seja uma opção — murmurou Saff, entre dentes, para que Auria, a adepta ferrenha das regras, não ouvisse.

Portari, o feitiço de teletransporte, havia sido banido há várias décadas — retirado de todas as varinhas — e, por norma, Saff apoiava as proibições. Significava que menos criminosos escapavam à captura. Mas, naquele momento, criticava o facto de os Silvercloaks não terem recebido isenções especiais.

Contudo, paulatinamente, um plano começou a formar-se na cabeça de Saff.

— O telhado — disse, olhando para aquela estrutura magnífica. O vidro roxo bolboso brilhava como o tesouro guardado por um dragão. — É quase todo opaco, mas talvez consigamos fazer alguns buracos e espreitar para a câmara central de culto. Quem sabe não conseguimos lançar alguns encantamentos lá para dentro.

— *Sim* — concordou Auria, com tanta veemência que espantou o cavalo mais próximo. — Destilei três tinturas de levitação, sabia que seriam úteis.

Um grito cavo ecoou dentro do templo, seguido pelo som característico de um feitiço a fazer ricochete numa parede de pedra. Auria tirou

duas poções brancas peroladas, cuidadosamente rotuladas como *ascevolo*. Entregou uma a Saff, destapou a sua e bebeu-a de uma só vez.

Ato contínuo, os pés de Auria começaram a flutuar a vários centímetros do chão.

Saff sabia que o elixir não funcionaria com ela, mas tinha de manter a mentira. Engoliu a poção com confiança, como se esperasse que tivesse o efeito desejado.

Mas é claro que nada aconteceu.

Auria, agora quase dois metros acima do solo e agarrada a um galho de árvore, franziu a testa na sua direção.

— Tomaste-a?

— Sim. — Saff fingiu estar confusa. — Mas acho que não surtiu efeito.

— Isso não faz sentido. Preparei as duas tinturas a partir do mesmo lote.

— Estranho.

— Talvez não tenha misturado bem. A tua podia ter demasiada cinza de olmo.

Saff estudou a árvore mais próxima. Havia um galho comprido e fino que se projetava do tronco.

— *Sen efractan* — murmurou, e o ramo partiu-se. A magia podia não surtir efeito *nela*, mas ainda era capaz de encantar outras pessoas, outros objetos.

Em seguida, pegou num molho de palha dos cavalos — com grunhidos de esforço, para manter a impressão de que a perna esquerda não estava a colaborar — e juntou-o à ponta do galho.

— Uma vassoura! — constatou Auria, radiante. Ela tinha uma adoração genuína, quase infantil, pela magia.

Saff tirou uma corda fina do cinto e prendeu-a à volta da palha. Por fim, abriu o terceiro elixir de levitação e espalhou-o pelo galho. A gravidade tornou-se logo menos presente, e ela montou a vassoura enquanto flutuava para cima, certificando-se de que uma perna caía mais desajeitadamente do que a outra. Por um instante, ao sentir um aperto no estômago conforme a vassoura se erguia do chão pavimentado, Saffron partilhou do prazer que Auria retirava da simples arte de um feitiço bem executado.

Quando se aproximaram da cúpula roxa, Auria e Saff agarraram-se à borda da parede de pedra curva e saltaram com um grunhido. A vassoura continuou a subir até bater contra o teto alto do Grande Átrio.

Saffron empoleirou-se no parapeito, a respirar com dificuldade. A cúpula era quase toda opaca, mas havia uma vaga agitação e gritos de formas sombrias no interior da câmara de culto, o que significava que pelo menos um cadete tinha chegado lá.

— *Sen aforam* — murmurou Saff, pressionando a ponta da sua varinha diretamente contra o vidro espesso e temperado.

Uma explosão de magia em forma de chifre disparou da varinha, perfurando um pequeno buraco redondo na cúpula. Auria imitou o feitiço de Saff, e ambas olharam através dos orifícios.

A cena, 15 metros mais abaixo, era de carnificina. Nissa era uma estátua na porta, ao passo que Gaian havia sido atingido um pouco mais para dentro. Ambos os rostos de pedra tinham expressões atordoadas, como se não acreditassem que tinham sido atingidos. Sebran, o soldado treinado, era o último cadete de pé. Atrás de Gaian, disparava feitiços *effigias* ao acaso pela câmara, atingindo Bloodmoons e reféns.

Uma contagem rápida revelou que cinco reféns haviam sido «mortos», assim como quatro Bloodmoons, embora pudesse haver mais no corredor em espiral. Os três Bloodmoons sobreviventes, usando os reféns como escudo, atravessaram a sala até onde Sebran estava agachado. Este sacou da sua *blisblade* e cortou com urgência a palma da própria mão, estremecendo com a onda de dor-prazer, mas aquilo não chegou e veio demasiado tarde. Estava em desvantagem numérica.

— Que massacre — lamentou Auria, esquecendo-se de que a sua voz era amplificada por magia.

O som passou através do buraco aberto pela varinha e ecoou pela câmara. Os três Bloodmoons olharam para a cúpula roxa. Um deles disparou um feitiço *effigias*, atingindo a vidraça onde Auria estava empoleirada. O vidro partiu-se para dentro, e ela foi transformada numa estátua sólida.

Logo a seguir, caiu através da cúpula.

Rápida, rígida e feita totalmente de pedra.

Quando atingiu os mosaicos, despedaçou-se em centenas de cacos.



A VARINHA-RELÍQUIA

Pelos santos, amaldiçoou Saffron, com o estômago num nó apertado enquanto fugia para fora de vista.

O que significava aquele tipo de obliteração? Poderia tal dano ser reparado? Depois de ser reanimada, Auria continuaria em pedaços? Membros e órgãos espalhados pelo chão de mosaico como uma bolsa de moedas caída? Não seria a primeira candidata a morrer numa avaliação dos Silvercloaks, mas era raro.

No entanto, uma das primeiras coisas que Saffron aprendera na vida era que quando o pior *podia* acontecer, geralmente acontecia. Foi esse cinismo que fez dela uma grande detetive — era muito difícil apanhá-la desprevenida —, mas também propensa à tristeza e à misantropia.

Algures na rua, o Lamento da Rainha dos Ossos ganhou ritmo, com as cordas do alaúde a vibrarem fervorosamente sob o comando dos dedos hábeis do músico. Uma segunda maldição *effigias* voou na direção de Saff, estilhaçando outra secção do telhado de vidro. Não a transformaria em pedra, claro, mas ela não podia deixar que a Academia soubesse disso, ou seria desmascarada como Encantadora falsa.

Poderia sempre lançar uma das suas ilusões, se as circunstâncias o exigissem. O pai tinha-lhe ensinado a rara arte da ilusão quando ainda era criança, por isso podia lançar um feitiço de brilho cintilante para fazer os outros *acreditarem* que tinha sido transformada em pedra. Mas tais feitiços eram difíceis de lançar e de manter por mais do que alguns segundos, visto que drenavam o poço mágico mais depressa do que quase todos os outros encantamentos, daí serem usados por tão poucos magos modernos.

Lá em baixo, Sebran disparou feitiços de desarmamento contra os Bloodmoons. Um deles acertou em cheio, enviando uma varinha para o outro lado da sala redonda. Os outros Bloodmoons desviaram as atenções da figura no telhado e concentraram-se no rapaz, os seus rostos fechados e os mantos escarlates a flutuar atrás de si como sombras.

Duas maldições *effigias* atingiram Sebran em simultâneo, e também ele se transformou em pedra.

Saff estava por sua conta e risco.

Como podia ela proceder?

Como podia ela salvar aquela avaliação desastrosa e sair vencedora?

Podia desarmar os Bloodmoons um a um a partir do telhado, mas isso não lhe daria tempo suficiente para libertar os reféns. Teria de lançar feitiços a matar ou, neste caso, transformar em pedra. No entanto, queria muito provar que havia uma maneira de levar a cabo a missão sem causar um massacre absoluto. Mesmo que só apanhasse *um* Bloodmoon vivo, já seria uma valiosa fonte de informação.

Percorreu o seu arsenal de encantamentos, chegando a um que Auria sugeriu antes de tudo dar para o torto. *Vertigloran*, para deixar o alvo tonto e desorientado.

Seria possível usá-lo? E depois lançar uma versão ilusória de si mesma para enganar os Bloodmoons, distraí-los e confundi-los, enquanto se aproximava por trás? Iria esgotar toda a sua magia quase de imediato e expor o seu talento para as ilusões à Academia, mas valeria a pena para emergir da prova como a única sobrevivente.

O posto de Atherin seria necessariamente seu.

Num mundo ideal, teria muito tempo para parar e considerar todas as possíveis ramificações do seu plano. Mas este não era um mundo ideal, e a sua vida também não o era. Com todos os outros cadetes neutralizados, os Bloodmoons concentraram-se nela.

Os restantes painéis de vidro roxos estilhaçaram-se um a um e, logo depois, ela estava a cair.

A mão que não segurava a varinha agitou-se por cima dela, encontrando apoio num objeto sólido inesperado.

A vassoura encantada desceu gradualmente do teto, com o efeito da poção de levitação a passar.

Agarrando-se com todas as forças, Saff gritou «*Ans vertigloran!*» para a câmara. O feitiço surtiu efeito à primeira tentativa, o que a deixou

contente por ter passado centenas de horas a treinar tiro ao alvo no início do semestre.

Um dos Bloodmoons cambaleou e caiu de joelhos, mas os outros dois revelaram as suas expressões assassinas. O mais baixo disparou outro feitiço *effigias* contra ela. Falhou por pouco, mas o próximo provavelmente não falharia.

— *Ans clyptus* — berrou Saff.

Um escudo encantado cintilante formou-se a tempo de repelir outro *effigias*.

A proteção tremeu e quase caiu, e Saffron estremeceu com o esforço que fez para o manter de pé.

Embora a matéria não pudesse ser criada a partir do nada, alguns Encantadores podiam usar magia bruta para manipular formas intangíveis, como ilusões e escudos de feitiços: uma rara subclasse de encantamento conhecida como materialização. Graças à tutela do pai, Saffron era a única cadete na Academia com algum tipo de domínio sobre a materialização, para desgosto de Auria.

O escudo materializado não a protegeria de um punho ou de uma espada, mas repeliria a maior parte dos encantamentos e maldições. No entanto, exigia muito dela, e Saff sentiu o seu poder a esvair-se a uma velocidade alarmante, como se um buraco se tivesse aberto por baixo de si.

Com o escudo mágico levantado, não podia lançar outro feitiço ao mesmo tempo — a magia era um poço onde só cabia um balde de cada vez —, mas isso dava-lhe segundos preciosos para pensar. Deveria lançar um feitiço de morte? Conjurar uma ilusão, mesmo que fosse tarde demais, agora que estava a poucos instantes do chão? Continuar a disparar *vertigloran* e aproveitar a confusão para tirar os reféns dali?

Mas agora era o alvo das varinhas dos outros dois Bloodmoons, e não podia proteger-se de todos os ângulos.

— *Sen effigias* — ecoou pela câmara, com faíscas a saltarem por todo o lado, e o seu escudo tremeluziu perigosamente.

E foi então que ela foi atingida.

O feitiço passou-lhe de raspão pelo ombro assim que as suas botas atingiram os mosaicos. Ela respirou fundo, preparando-se para ser transformada em pedra — será que ficaria consciente, apenas incapaz de se mover? —, mas claro que isso não aconteceu.

Sentiu o coração a bater contra as costelas como um aríete.

Todos deviam ter visto o feitiço a atingi-la.

Todos ficariam a *saber*.

O lapso de concentração fez com que o escudo se evaporasse.

Os três Bloodmoons fecharam-se à sua volta numa formação circular, um deles ainda a tremer devido ao feitiço de desorientação. O fim estava próximo. Ela não conseguiria ocultar *três* feitiços que a atingiriam em cheio no peito.

— *Ans vertigloran* — gritou, e o feitiço encontrou o seu alvo, mas enquanto o Bloodmoon atingido se inclinava para trás, os outros dois aproximavam-se com olhares ameaçadores.

Ambos lançaram *effigias* em simultâneo.

Saff apontou a varinha para as botas e disse:

— *Et esilan*.

Um dos seus truques preferidos.



As botas saltaram do piso como se tivessem molas e Saffron foi projetada para a frente, passando por cima das cabeças dos Bloodmoons de forma dramática.

Foi bater contra a parede em frente e caiu no chão.

Girou sobre si mesma para ficar de frente para as costas deles, ergueu a varinha, mas eles já estavam em cima dela, com a palavra «*sen*» a pairar-lhes nos lábios retorcidos.

Desesperada, Saff lembrou-se de um feitiço raro que a mãe admitira usar de vez em quando e que lhe permitia paralisar uma cena, nem que fosse por alguns momentos. Mellora usava esse feitiço para ganhar tempo quando um doente se esvaía em sangue, ou quando tinham poucos segundos preciosos para o diagnosticar e curar. Dizia que isso lhe dava um espaço de pensamento inestimável.

Não perdia nada em tentar.

Ergueu a varinha, sem saber para onde apontar.

— *Ans praegelos*.

Não aconteceu nada, mas os Bloodmoons giraram as cabeças de forma descontrolada, com uma expressão estranha nos rostos. Uma espécie de medo, repulsa ou descrença.

Saff concentrou a intenção no seu peito num único ponto desafiador.

— *Ans praegelos*.

Nada.

Estaria a pronunciar-lo mal? Ter-se-ia esquecido da palavra?

Ou será que o prefixo não era aquele?

A magia era comandada verbalmente, e quando se lançava um feitiço, era preciso anunciar as intenções. *Ans* representava intenções honrosas, ao passo que *sen* representava más intenções. Uma distinção importante, uma espécie de sistema de segurança integrado para impedir ferimentos ou mesmo uma destruição acidental. Havia outros prefixos — *don* para os elementos, que eram alheios às noções humanas de certo e errado, e *et* para as magias práticas do dia a dia —, mas nenhum deles se enquadrava neste cenário.

Porque não haveria *ans* de ser o prefixo correto? Saff acreditava que as suas intenções eram honrosas: salvar os reféns, conseguir cuidados médicos para Auria. Mas a magia tinha tanto de evasiva como de pedante, com as suas próprias ideias sobre o que constituía o bem e o mal. Alguns comandos estavam inexoravelmente ligados a um prefixo, como *sen incisuren*, porque a magia considerava sempre que cortar e retalhar era um ato destrutivo.

Teria ela preconceitos semelhantes em relação a *praegeles*?

Os Bloodmoons recompuseram-se e ergueram as varinhas ao mesmo tempo.

— *Sen praegeles* — bradou Saff, com toda a ferocidade que conseguiu reunir.

Houve uma explosão de luz azul-prateada, e o mundo ficou silencioso e parado.

Tudo exceto Saffron.

Os reféns pararam de se contorcer e de fingir que choravam, e os Bloodmoons ficaram paralisados, um deles enquanto cambaleava para trás, o ângulo inclinado do seu corpo a desafiar a gravidade, o alfinete de rubi no pescoço a brilhar como uma pérola de sangue fresco.

Até o murmúrio distante da galeria de espetadores se reduziu a nada.

Cada centímetro do corpo de Saff estremecia com o esforço de manter o feitiço, uma pressão imensa que a empurrava de todos os ângulos.

O tempo não era uma fera que aceitasse ser domada de bom grado.

Sem perder um segundo precioso, pegou nas três varinhas que os Bloodmoons estendiam na sua direção e atirou-as para um canto da sala. Usou as duas algemas presas ao cinto para maniatar os três Bloodmoons, ciente de que as grilhetas podiam não aguentar quando ela reanimasse o mundo, mas pelo menos seria o suficiente para dar tempo aos reféns sobreviventes de escaparem pelo corredor em espiral, e para ela ser declarada a clara vencedora da avaliação final.

Tonta com o esforço de manter o *praegelos*, cada fibra do seu ser lhe gritava que abdicasse do controlo; o fundo do seu poço de magia já estava exposto e quase seco, mas ainda havia algo que a incomodava. Ela tinha de saber se o seu instinto inicial estava certo: se os Bloodmoons tinham um motivo para atacar um templo inocente.

Perscrutou a câmara em busca de uma possível entrada para o cofre e viu um tapete grande e já puído disposto de forma precisa sobre o ápice da sala redonda. Novo aperto no estômago, algo que ela tinha percebido ser o instinto. Seguiu-o até ao tapete azul desbotado, afastando-o dos mosaicos de azulejos verde-floresta, branco-estrela e roxo-ametista.

Debaixo do tapete havia um alçapão, que se fundia quase na perfeição com o resto dos azulejos, mas que, ainda assim, não deixava margem para dúvidas. Cravou as unhas nas bordas, tentando puxar a tampa para cima, mas era muito pesada, as juntas muito lisas. E, enquanto mantinha o tempo parado, ela não podia usar magia para abrir a tampa. Lembrando-se de um esconderijo com um mecanismo de mola que havia na sua casa de família — concebido pelo pai, para o caso de a magia lhes falhar —, pressionou as palmas das mãos contra dois cantos opostos e fez *força*.

O alçapão abriu-se e Saffron pestanejou rapidamente, para clarear a vista.

Estava à espera de encontrar uma escada em espiral que a conduzisse a uma cave abobadada, mas viu apenas um pequeno compartimento redondo com a largura de uma carroça e a profundidade de uma campá. No centro, estava uma almofada de veludo púrpura com a marca de uma varinha no meio, mas sem varinha.

Saff sentiu o calor da validação no peito. Ela tinha razão. Eles tinham ido à procura de *alguma coisa*.

Mas onde estava ela?

Só lhe restavam mais alguns segundos, e usou-os para estudar a sala.

Ali. Enfiada na cintura do Bloodmoon cambaleante.

Outra varinha. Curta, volumosa, feita de uma madeira em tons quentes que Saff não reconheceu.

Pegou nela. Assim que o encanto *praegelos* caiu, os dedos trémulos de Saffron fecharam-se à volta da ponta...

... o mundo fica branco.

Uma figura emerge da névoa branca.

Não... duas figuras, a meio de um beijo.

Uma é Saffron.

A outra é alta, pálida, de cabelos escuros, com um rosto esculpido e uma cicatriz a marcar-lhe o lábio inferior. Os dedos dele estão entrelaçados nos caracóis loiros de Saffron, todas as arestas rígidas do seu corpo pressionadas contra o dela.

Ambos usam mantos Bloodmoon: dobras fluidas de escarlate, fases da Lua bordadas em preto e dourado.

O beijo aprofunda-se, intensifica-se.

Saff enfia uma das mãos por entre as coxas dele, e o homem solta um gemido baixo e cavo.

A outra mão pressiona a varinha contra o estômago do homem.

— Sen ammorten — diz-lhe ela.

O feitiço mortal irrompe, uma forquilha de relâmpagos, um beijo de morte, e o homem cambaleia para trás, os olhos arregalados de horror.

Cai no chão, morto.

Algo duro atingiu Saff no rosto, e a névoa dissipou-se. A câmara de culto materializou-se. Ela estava deitada de costas, com a varinha-relíquia na mão, estrelas nos olhos, as têmporas a latejar por ter batido no chão. Os Bloodmoons sobranceiros lutavam contra as grilhetas. Auria jazia em cacos espalhados à sua volta.

— Vão — murmurou Saffron para os reféns, a sua voz distante e difusa.

Os reféns levantaram-se, fugindo aos captores em direção ao corredor em espiral.

Era o fim?

O que acabara de *acontecer*?

Saff limpou a testa suada na manga do manto, concentrando-se na avaliação final e não na varinha-relíquia branca e quente que tinha na mão. Salvara mais reféns do que os outros tinham matado, e apanhara três Bloodmoons vivos. Num cenário real, seriam uma fonte inestimável de informações para os Silvercloaks.

Um dos postos de Atherin era dela. Tinha de ser.

O seu manto em breve ficaria prateado.

Saff virou-se com olhos turvos para a galeria de espetadores, na esperança de ouvir uma salva de palmas quando os seus avaliadores percebessem o que ela havia feito.

Mas, em vez disso, deparou-se com um silêncio frio e empedernido.

DESCOBRIR UM MUNDO ONDE A MAGIA VEM DO PRAZER E DA DOR...

Há duas décadas, os pais de Saffron foram brutalmente assassinados pelos implacáveis Bloodmoons. Determinada a vingar-se, ela entra na Academia Silvercloak, onde é treinada para se tornar uma detetive de elite.

Mas quando os seus reais objetivos são descobertos, Saffron recebe uma oportunidade única: infiltrar-se na organização e destruí-la por dentro.

Entre grupos rivais, rituais sinistros, adversários mortíferos e os sentimentos que nutre pelo atormentado filho do líder, Saffron sabe que um só deslize pode significar a morte.

OTHER SIDE

é uma coleção **SECRET SOCIETY**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-583-805-9



9 789895 838059

